

NOVA ÁGUIA

Revista de Cultura para o Século XXI

Nº 22 — 2º SEMESTRE 2018

ENSAIO & POESIA | TEMAS & AUTORES

**CIDADANIA
LUSÓFONA**

V Congresso

DALILA

100 anos

**FRANCISCO
DE HOLANDA**

5 séculos

**ANTÓNIO TELMO
AGOSTINHO DA SILVA**

inéditos



Zéfiro


ISSN: 1647-2802

*Amia
Gatras*

M. A. FERREIRA-DEUSDADO (1858-1918). DA VIDA E DA OBRA NOS 100 ANOS DA SUA MORTE¹

Artur Manso

Talento do mais fino quilate, erudição vasta e carácter inabalável, eis os altos predicados que dele fizeram um benemérito, não só da sua pátria, mas da sociedade em geral, porque a ciência e a elevada acção foi e será sempre o alicerce onde se estriba o bem estar duma nação, a felicidade dum povo.

VITORINO NEMÉSIO

VIDA

Manuel António Ferreira Deusdado nasceu em 7 de Abril de 1858, no seio de uma família tradicional, legitimista e católica, na aldeia transmontana de Rio Frio, no distrito de Bragança e morreu sessenta anos depois, em 21 de Dezembro de 1918 em Lisboa, tendo a sua existência transitado numa época em que Portugal se arrastava entre a agonia da monarquia com a oposição entre liberais e absolutistas, situação que seria determinante para a desagregação do ideal monárquico e facilitadora da instauração da república em 1910. O seu pai José António Ferreira Deusdado foi convencionado de Évora-Monte e, após a derrota, permaneceu fiel a D. Miguel, e a sua mãe era Florência Cavaleiro de Miranda Ferreira. A descendência do casal foi longa, onze filhos. Casou a 26 de Janeiro de 1905, em Angra do Heroísmo, freguesia de Santa Luzia, com Catarina Serpa. Não tendo o casal deixado descendência, contudo, tomou conta da educação de três sobrinhos, filhos de um seu irmão, entretanto falecido, sem ter deixado aos descendentes quaisquer recursos de subsistência. Um dos sobrinhos por si educado, Domingos Augusto Ferreira Deusdado (1890-1962), veio a destacar-se na área do Direito.

Ferreira-Deusdado era tio de Manuel Gonçalves Cavaleiro de Ferreira (1912-1992), professor catedrático da Faculdade de Direito da Universidade Clássica de Lisboa, que exerceu o cargo de Ministro da Justiça, entre os anos de 1944 e 1954, período de tempo em que procedeu a importantes reformas prisionais, incluindo a educação correcional.

Fez os primeiros estudos nas cidades de Bragança e Vila Real, indo de seguida para Lisboa frequentar o ensino superior, primeiro no Instituto de Agronomia e Veterinária, onde completou o segundo ano, transferindo-se de seguida para o Curso Superior de Letras, onde se licenciou em Humanidades, concluindo em 1884 o Curso Superior de Letras, com a mais alta classificação. Ao contrário do seu pai, monárquico e miguelista assumido, a M. A. Ferreira-Deusdado não se conhece nenhuma tomada de posição clara, pese embora revelar simpatia pela monarquia absolutista, em clara oposição ao liberalismo monárquico que considerava como o principal responsável pelo estado de decadência moral e intelectual em que Portugal se encontrava mergulhado.

A partir de 1884 foi professor, primeiro do ensino particular e depois do ensino Liceal oficial, lugar em que efectivou no ano de 1897, tendo lecionado, essencialmente, as disciplinas de Filosofia, História e Geografia. Em 1886 foi eleito Vogal do Conselho Superior de Instrução Pública, presidido por Jaime Moniz e criado pelo Ministro do Reino Barjona de Freitas. No cumprimento dos seus deveres, enquanto membro deste Conselho, pugnou pela liberdade de ensino, defendendo ser função do Estado tutelar o ensino, mas não manter o seu monopólio, tanto mais que o ensino particular era de qualidade superior em relação ao ensino público

¹ Este ensaio tem por base o meu estudo intitulado *M. A. Ferreira-Deusdado (1858-1918)*, Porto, Estratégias Criativas, 2018.

e por isso obtinha melhores resultados. Ainda no desempenho destas funções, tendo em vista uma adequada formação de professores, defendeu a criação de Escolas Normais para formar estes profissionais. Em 1886 foi o Relator dos programas liceais gerais de História, Geografia e Filosofia, elaborados segundo os progressos da ciência e da pedagogia, sendo o que mais contribuiu para introduzir em Portugal um renovado ensino filosófico segundo o critério da psicologia e da história. Em 1887, no impedimento de Manuel Pinheiro Chagas, aquando da sua nomeação para Ministro da Marinha, foi nomeado lente auxiliar no Curso Superior de Letras. Em 1889 inaugurou um Curso Livre de Pedagogia, fundamentando-o nas recentes descobertas no campo da psicologia.

Em 1890 concorreu ao lugar de professor dos Liceus, obtendo a classificação de *Distinto*, tendo sido nomeado, por Decreto de 6 de Fevereiro, professor efectivo do Liceu de Beja, transferido de seguida para Lisboa e mais tarde para o Liceu de Angra do Heroísmo. Ainda neste ano, foi escolhido pelo governo português para substituir Emídio Navarro como delegado de Portugal junto ao Congresso Penitenciário Internacional que decorreu na Rússia, em São Petersburgo, para o qual foi eleito Vice Presidente da IIª Secção, cabendo-lhe ainda a tarefa de redigir o Relatório dos trabalhos. Nesta ocasião conheceu o filósofo espiritualista Vladimir Soloviev (1853-1900) com quem manifestou afinidade espiritual, assente num neoplatonismo cristocêntrico que se opunha à nova mentalidade positivista. Ainda neste ano representou o governo português no Congresso da Associação Francesa para o Adiantamento das Ciências, que decorreu em Limoges, França, ao qual apresentou três comunicações; uma sobre geografia e duas sobre pedagogia. Em 1891 foi distinguido por Alexandre III com a Comenda e Grande Oficialato da Ordem Imperial de Santo Estanislau e o Foro de Gentil-Homem da Corte Imperial da Rússia e Polónia e, no ano seguinte, 1892, representou o governo português, o governo italiano e o governo espanhol no III Congresso Internacional de Antropologia Criminal de Bruxelas, presidido pelo então ministro da

justiça belga M. Le Jeune e no qual foi eleito Presidente de Honra. Em 1894 foi incumbido pelo governo português de criar um Projecto de Reforma da Casa de Correção de Lisboa e de estabelecer as bases para o ensino correcional no país. Nestas funções mostrou-se adepto das escolas coloniais para a reabilitação dos jovens delinquentes, limitando a função do Estado à função penal e presidiária, trabalho que lhe valeu o reconhecimento por parte do Estado português que o distinguiu com um Louvor publicado em Portaria com a assinatura do ministro António de Azevedo Castelo Branco.

Em 1895 participou no IV Congresso Penitenciário Internacional que decorreu em Paris, tendo ainda sido proposto por Pinheiro Chagas para sócio da Academia Real das Ciências de Lisboa, tendo-lhe sido dado o espadim de Almeida Garrett, tendo sido delegado desta Academia nos arquipélagos da Madeira e dos Açores. Em 1897, no dia 3 de Março, por proposta do Professor Collard, lente de Pedagogia na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade Católica de Lovaina, Bélgica, foi-lhe atribuído por esta Universidade o título de doutor *honoris causa* em Filosofia e Letras. Ainda em 1897, a pedido de Eduardo Augusto, sobrinho de Cunha Seixas, filósofo e intelectual que Deusdado muito estimava e cuja obra *Princípios geraes de philosophia* tinha deixado em fase de impressão, mas ainda incompleta, ajudou à arrumação final da mesma, complementando a referida edição com dois textos da sua autoria designados *Esboço histórico da filosofia em Portugal no século XIX* e *Notícia biográfica do autor*, editados em 1898. Em 1899, por proposta de Emílio Castelar y Ripoll, primeiro Presidente Executivo da Primeira República espanhola e parecer de D. António Sanches Moguel, foi eleito Sócio da Real Academia de História de Madrid. Em 1900 a rainha regente de Espanha, D. Maria Cristina concedeu-lhe a Comenda da Real Ordem de Isabel a Católica. Em 1901, possivelmente por divergência com o poder instituído e em consequência de várias dúvidas assentes em boatos que tinham sido postos a circular, de forma maliciosa, quanto à sua deontologia profissional, foi colocado nos Açores, no Liceu Nacional de

Angra do Heroísmo, tendo, no ano lectivo de 1906-1907 sido nomeado Reitor interino do mesmo, mudança que se revelaria benéfica uma vez que lhe permitiu mais tempo para a reflexão pessoal e para a organização de parte dos seus escritos. Em 1916, o Decreto de 14 de Abril publicado no *Diário do Governo* da República, concedia ao Dr. Ferreira-Deusdado a medalha de prata de Mérito, Filantropia e Generosidade, criada pela Rainha D. Maria II, que condecorava a bravura que tinha demonstrado quando em 28 de Maio de 1914, no decurso de um passeio de estudo que estava a realizar com os alunos da 4ª e 5ª classes do Liceu, pela costa de S. Mateus da Calheta da Ilha Terceira, perto do lugar da *Aberta*, a dado momento, avistou um homem, de nome Francisco Videira, que se debatia no mar revoltado e, sem hesitar, tirou o casaco e o colete, lançando-se a nado para o socorrer, retirou-o para terra segura e prestou-lhe de imediato o auxílio necessário. O professor do Liceu Nacional de Angra do Heroísmo, José Pinto Soares coligiu em *Um rasgo de benevolência* (1914) as notícias e testemunhos que a grandeza de tal acto tinham suscitado.

Em 1918, no dia 21 de Dezembro, em tempo conturbado da república e desiludido com o evoluir dos acontecimentos, falecia aos 60 anos, na sua casa de Lisboa, tendo sido sepultado no Cemitério dos Prazeres, de onde a 7 de Agosto de 1981, sessenta e três anos volvidos foi trasladado para a capela da actual Confraria de Nossa Senhora das Dores, entretanto restaurada, que pertencia à antiga Confraria Nossa Senhora de ao Pé da Cruz, criada por Bula do papa Clemente XI em 5 de Fevereiro de 1734, em Rio Frio, sua terra natal e da qual, pese embora a sua vida decorrer a grande distância, por eleição dos seus confrades, tinha sido designado seu Juiz vitalício. Assim, realizava o seu profundo desejo:

Não sei que intensa magia prende o meu coração a um canto de terra onde nasci, e onde minha mãe me ensinou a amar a Deus e ao próximo. Esse amor estende-se muito além, sentindo até consolação em ser um dia sepultado na ermida juxta cruceiro, posto que em toda a parte do mundo haja sete palmos de terra para o corpo e a infinita misericórdia de Deus para a alma.

A vida de M. A. Ferreira-Deusdado desenrolou-se, no último quartel do século dezanove e nas primeiras décadas do século XX, num período de tempo em que reinava, entre nós, o positivismo e o republicanismo, que tinham em Teófilo Braga o grande mentor e em redor do qual se posicionavam quase todos que iam leccionar para as universidades, com a especial incumbência de doutrinar as novas gerações sob os princípios exclusivos de uma mentalidade positivista e republicana. Ao ambiente intelectual e doutrinário dominante na época, repugnava toda e qualquer tendência espiritualista, como a manifestada por Ferreira-Deusdado, que tal como outros que não alinhavam pelas novas ideias, pese embora as excelentes classificações obtidas nos concursos e a qualidade do trabalho público que exibiam, eram afastados, por meras questões ideológicas, do acesso à leccionação no ensino superior.

Apesar de um discreto empenho político, Ferreira-Deusdado opôs-se às sociedades secretas e foi leal a D. Miguel. Católico e conservador conviveu com o poeta e pensador socialista Antero de Quental (1842-1891) com quem partilhou longas horas de discussão filosófica. Com mais ou menos reservas, considerava que a “democracia, na acepção moderna é o completo triunfo do princípio da igualdade política, é a opinião definitiva da nossa sociedade e será um facto inteiramente consumado no futuro”. Foi um defensor do municipalismo que considerava como a “verdadeira unidade e raiz dos governos constitucionais e republicanos” do seu tempo. O integralismo lusitano foi buscar ao seu pensamento parte do ideário e António Sardinha que se posicionava como um dos líderes deste grupo, dedicou-lhe a sua obra *Ao ritmo da ampulbeta*. No ano de 1916 Deusdado teceu comentários elogiosos à publicação do volume *Epopéia da planície, poemas da terra e do sangue*, da autoria de António Sardinha, pouco tempo depois de se ter pronunciado sobre as polémicas conferências proferidas pelo Movimento Integralista, em 1915, na Liga Naval Portuguesa, em Lisboa. E as suas palavras eram suficientemente claras: “O viridente lábaro hasteado pelo *Integralismo Lusitano* está formando legiões. O número cresce

cada dia. Ontem era uma centúria, hoje é um manípulo, amanhã é uma corte e a seguir será uma legião invencível”. Parece, portanto, ter depositado neste grupo a esperança na regeneração nacional para a restauração do absolutismo monárquico em Portugal.

Em 2001 a Associação Portuguesa de Geógrafos, com o patrocínio da Câmara Municipal de Bragança, criou o prémio anual Ferreira-Deusdado, destinado a reconhecer o contributo da geografia e do seu ensino para o desenvolvimento da sociedade portuguesa. O prémio destinava-se a professores de Geografia do ensino básico e secundário com mais de 36 anos.

OBRA E PENSAMENTO

Manuel António Ferreira-Deusdado deixou-nos uma extensa obra que abarca os campos da pedagogia, da filosofia, da história, da geografia, da antropologia, da psicologia, da criminalidade e da etnografia. Publicou diversos livros, fundou e orientou durante anos a *Revista de Educação e Ensino*, tendo, ainda, colaborado com regularidade em jornais e revistas de que se destacam, *A União*, *A Verdade*, *Revista de Psiquiatria e Neuropatologia*, *Jornal do Comércio*, *O Repórter*, *Correio Nacional*, *Diário de Notícias*, *Nordeste*, *Norte Transmontano*, *Almanaque dos Açores*, *A Verdade*, *O Autónimo*. Parte significativa dos seus escritos aparecem assinados com os pseudónimos Visconde de Alvaredos, Cavaleiro de Miranda (nome do seu trisavô) e Hélio Dácio.

TEXTOS DIDÁCTICOS, IMPRESSÕES DE VIAGENS E PEDAGOGIA CRIMINAL

Elementos de Geografia Geral (1891) foi publicado com o intuito de servir de manual de auxílio ao estudo da geografia enquanto disciplina curricular do ensino liceal. Deusdado pretendia que esta obra, densa e profusamente ilustrada, atendessem a um duplo objectivo: por um lado, que fosse o “fio condutor para o aluno no seu quarto de estudo diante dos mapas”; por outro lado, que servisse “de texto para o professor despertar no espírito da classe, a leitura dos livros de viagem ou de manuais que encerrem descrições mais circunstanciadas”. *Corografia de*

Portugal ilustrada (1893) obra que considerou ser um complemento ao volume anterior e se apresenta como uma espécie de atlas de Portugal continental, das ilhas e do ultramar que na altura constituíam a Nação portuguesa, contendo cinquenta gravuras e vinte mapas a cores. *Notas dum viajante no império russo* (1890), contém as impressões da viagem que fez à Rússia a pedido do governo português, para participar no Congresso Penitenciário Internacional, que decorreu em São Petersburgo. *Pensamentos* (1903) selecção de pensamentos, aforismos e reflexões de vária ordem que Deusdado tinha publicado na imprensa açoriana.

ANTROPOLOGIA, PSICOLOGIA E PEDAGOGIA CRIMINAL

M. A. Ferreira-Deusdado que não tinha formação jurídica, dedicou-se à criminalidade sob a perspectiva educacional, tendo, neste campo, desenvolvido reflexões inovadoras e muito úteis para futuros planos de educação correcional. Opondo-se à teoria positivista do direito, acreditava, no que respeita aos delinquentes de tenra idade, que a melhor forma de combater a vadiagem e a mendicidade era a instauração de medidas tutelares que deveriam ser executadas em centros de detenção próprios que tivessem ao seu serviço pessoal com formação adequada, ao contrário do que acontecia nas casas de correcção que existiam em Portugal para abrigar as crianças delinquentes. As suas ideias para a educação criminal foram impressas em *Criminalidade e educação* (1889) onde reuniu diversos artigos anteriormente publicados sobre esta temática. Contra o determinismo, defendia que o homem gozava de inteira liberdade moral, opondo-se assim às opiniões da escola criminal italiana e dos seus principais mentores, Tarde e Garofalo. Da sua presença, em 1891, no Congresso Penitenciário Internacional de S. Petersburgo, surgiu o volume intitulado *O ensino carcerário e o Congresso penitenciário Internacional de S. Petersburgo* (1891). Ainda, da sua participação, em 1892, no III Congresso de Antropologia Criminal de Bruxelas, surgiu o volume *A antropologia criminal e o Congresso de Bruxelas* (1894) onde relatou

a sua experiência no referido evento, aproveitando para repudiar as ideias do *criminoso inato* defendidas por Cesare Lombroso (1835-1909), considerado o fundador da ciência da criminologia. Aproveitando a ampla experiência internacional nos debates sobre a criminalidade e a sua prevenção, o governo português encomendou-lhe a redacção de um projecto de Reforma da Casa de Correccção de Lisboa, no qual tornou ainda mais clara a sua convicção de que não há incorrigíveis, servindo a educação para melhorar o homem, qualquer que seja o seu estado. Na demanda pelo estabelecimento de uma efectiva educação correcional, redigiu *Rapport sur les moyens préventifs et questions relatives à l'enfance et aux mineurs*, trabalho que apresentou ao IV Congresso Penitenciário Internacional, realizado em Paris, em 1895, onde retomou as ideias anteriormente expostas no Projecto de Reforma da Casa de Correccção de Lisboa.

A REVISTA EDUCAÇÃO E ENSINO (1886-1900)

M. A. Ferreira-Deusdado fundou e dirigiu a *Revista de Educação e Ensino*, publicação mensal ilustrada, dedicada ao professorado, lavradores e criadores de gado de Portugal e Brasil, cuja linha editorial se mantinha aberta a todas as correntes, publicada regularmente entre 1886 e 1900, altura em que foi colocado no arquipélago dos Açores, no Liceu Nacional de Angra do Heroísmo. Os directores desta publicação pretendiam que ela fosse um meio de ajudar a preparar professores para as escolas rurais e continuar a mantê-los actualizados. Foram publicados quinze volumes, sendo que os três primeiros tiveram como local de edição Leça da Palmeira e os restantes doze, Lisboa. O seu primeiro Director foi o Tenente Alexandre José Sarsfield, aparecendo Manuel Ferreira (Deusdado), como Redactor, ao lado do Pe. João Manuel Pessanha, J. V. Carneiro Pinto e José Antunes Pinto. De pleno direito, foi em 1888 (vol. IV) que M. A. Ferreira-Deusdado passou efectivamente a ser o Director da *Revista de Educação e Ensino*².

Os artigos que compunham os volumes desta publicação abordavam os diversos aspectos do ensino e da aprendizagem, destacando-se a formação dos professores, o papel do Estado e a responsabilidade das famílias na educação das novas gerações. Entre os muitos autores que nela colaboraram destacam-se os nomes de Bernardino Machado, Adolfo Coelho e Jaime Moniz. Ferreira-Deusdado considerava que, fosse em que circunstância fosse, a ignorância era sempre um mal que punha em perigo o bom exercício por parte de um governo, hipotecando a liberdade individual e colectiva. Só com um forte investimento na educação é que Portugal poderia ser mais próspero e começar a acompanhar o progresso que a Europa mais evoluída há muito ia conhecendo.

Quando, no ano lectivo de 1886-87, Manuel Pinheiro Chagas foi indigitado Ministro da Marinha, Deusdado ocupou o seu lugar de professor no Curso Superior de Letras redigindo a respectiva lição que expôs no referido curso intitulada *A literatura grega e latina* (1889), na qual se mostrava devedor do humanismo grego na formação que recebeu e no homem que se tornou, ao mesmo tempo que defendia a difusão desse humanismo como uma das melhores formas de educar as gerações vindouras. O empenho colocado no sentido de edificar um sistema educativo que fosse bom para os povos, deveria conciliar a tradição com a inovação. Nesse sentido, no ano lectivo de 1891-1892 redigiu e apresentou a Lição de Abertura do Curso Superior de Letras, designando-a *Psicologia aplicada à educação* (1892), na qual deu a conhecer as novas exigências no campo educativo e, desta forma, perante a Academia, dava continuidade ao projecto de reforma do ensino apresentado por Jaime Moniz em 1885 e levado a cabo em 1889 pelo ministro Luciano de Castro quando procedeu à reorganização do Curso Superior de Letras. A nova versão deste curso era de facto inovadora, pois, pela primeira vez em toda a Península Ibérica, adoptando o modelo já usado em Itália e em França, introduzia-se, no novo plano de estudos, as disciplinas de Psicologia e Ciência da Educação, totalmente direccionadas para a formação dos professores do ensino liceal.

² Para uma compreensão alargada da publicação ver o meu ensaio *Revista de Educação e Ensino (1886-1900)*, Porto, Estratégias Criativas, 2018.

Paralelamente, continuava a defender que sem um conhecimento efectivo da história de uma Nação, toda a novidade científica e pedagógica se haveria de tornar estéril. Por isso, quando em 1907-08, lhe coube a vez de apresentar, na qualidade de Reitor interino, o *Discurso da Abertura Solene* do Liceu Nacional de Angra do Heroísmo (1910), não hesitou em intitular-lo *Origem e desenvolvimento histórico-pedagógico do ensino secundário em Portugal* e ao longo de 32 páginas, teve a oportunidade de fazer uma súmula de como a educação e o ensino foram tratadas ao longo da História de Portugal. Nele aparecem referidas as disputas entre as várias ordens religiosas, como sejam os franciscanos e os dominicanos, o advento dos jesuítas e a difusão dos seus colégios, a crítica dos protestantes aos jesuítas e o seu empenho na criação do ensino secundário, a rivalidade entre jesuítas e oratorianos, com a queda dos primeiros e a ascensão dos segundos, bem como a criação dos liceus.

Para Ferreira-Deusdado a educação visava a plenitude do ser humano, entendendo, por isso, que não há instrução sem educação, nem educação sem instrução. É a educação que permite, primeiro, a emancipação dos indivíduos e a seguir o progresso dos povos e para tanto era necessário garantir, simultaneamente, a sua universalidade, obrigatoriedade e gratuidade. A educação exige trabalho e disciplina e, por isso, mesmo defendendo a participação do aluno na definição das regras da escola, Deusdado achava que as normas e a disciplina colectiva estavam acima das vontades individuais e, como tal, a lei e a ordem deveriam ser impostas, por quem de direito, a partir do exterior. Considerando também que a educação para a vida se aprende por imitação da própria vida, defendia a emulação na prática lectiva, reagindo energicamente contra a falta da educação moral e religiosa nas escolas. Defendeu a liberdade de ensinar e de aprender: O Estado deveria tomar sob a sua responsabilidade o cumprimento da obrigatoriedade escolar, não desprezando, contudo, que era à família que competia primeiramente educar. Apesar do seu tradicionalismo e catolicismo ferrenhos, enquanto intelectual, Deusdado acompanhava o progresso dos tempos

defendendo que a educação religiosa tivesse um carácter meramente individual, competindo ao Estado fazer respeitar a liberdade religiosa.

A EDUCAÇÃO FAMILIAR E O PAPEL DA MULHER

Ferreira-Deusdado defendia que a educação surtiria maior e mais decisivo efeito nos indivíduos no período entre o nascimento e a adolescência, alimentando, por isso, a sua convicção de que o homem haveria de ser aquilo que a educação o ajudasse a ser até à adolescência. A partir desta fase, a educação, em seu entender, já não teria tanta influência no desenvolvimento dos indivíduos. Atendendo à especificidade das crianças e à relação privilegiada que mantêm com a mãe, apontava a progenitora como a primeira educadora, referindo, ainda, ambos os pais como os únicos responsáveis pela educação dos filhos, uma vez que, em seu entender, era a família que reunia as duas capacidades máximas na educação: a autoridade que proporcionava a obediência e o afecto. Era ao adulto que competia educar a criança que, por nascimento, era simultaneamente boa e má e, por isso, se a educação fosse boa, tornaria a criança boa, se fosse má, a criança, conseqüentemente, também seria má. De forma natural, a família e a escola apareciam a Deusdado como os primeiros locais onde a criança aprendia as bases da sociabilidade. Quanto à educação feminina, revelava ser fruto da cultura que durante séculos se tinha solidificado em todo o ocidente, considerando a mulher como menos propícia para uma aprendizagem geral, por se entender que a sua inteligência era inferior à inteligência masculina, embora tenha, em 1894, admitido ser verdade “que nas raças primitivas a inteligência da mulher é quase igual à do homem”.

A EDUCAÇÃO ESCOLAR E OS NÍVEIS DE ENSINO

M. A. Ferreira-Deusdado foi um pedagogo que, no seu tempo, se empenhou com o progresso do ensino e da educação escolar, seguindo com o maior interesse os avanços que a pedagogia ia

conhecendo e incentivando os nossos governantes a procederem às reformas necessárias que permitissem, pela educação, acompanhar o desenvolvimento dos povos mais prósperos. Defendeu o alargamento dos anos de escolaridade básica e a distribuição do ensino por classes diferenciadas, tendo sempre em vista que o fim da educação era elevar cada indivíduo ao mais alto estado de perfeição. Atento ao progresso das ciências, entendia que a pedagogia tinha por base a psicologia e a moral: pela primeira conhecia-se o mecanismo natural das faculdades intelectuais e, pela segunda, apreendia-se a natureza dos sentimentos. A educação escolar seria o resultado de uma mútua relação entre a educação física, a educação intelectual e a educação moral. Na consideração estética, recomendava a arte social e criticava a arte pela arte que achava nociva adoptando o conceito de belo da filosofia platónica, que identifica o Belo ao Bem, e da filosofia de Santo Agostinho que, na mesma linha, considera a beleza como o esplendor da ordem.

O ENSINO PRIMÁRIO

Ferreira-Deusdado, enquanto teórico da educação, propalava um sistema de ensino que integrasse harmonicamente todos os níveis de aprendizagem. No desenrolar do sistema educativo que nos propunha, concebia o ensino primário como o principal veículo para desenvolver as faculdades da criança e, por isso, queria que se ocupasse “sobretudo dos objectos essenciais ao conhecimento de todo o homem”, uma vez que “o seu fim é o mínimo de saber indispensável, como o fim do ensino superior é o máximo de saber possível”. Ansioso pela mudança na política educativa portuguesa, mas defensor de um modelo tradicional de pedagogia, recusava o facilitarismo, apelando para uma pedagogia do esforço, desde os primeiros graus de ensino em que o professor desempenhava papel determinante.

O ENSINO SECUNDÁRIO

A meditação sobre o ensino secundário, grau em que Ferreira-Deusdado exerceu a docência por mais tempo e no qual pensou mais demoradamente, levou-o a apresentar, em consequência

de ter sido Vogal do Conselho Superior de Instrução Pública, projectos de reforma do ensino da História, da Filosofia e da Geografia em moldes totalmente novos, acompanhando o progresso das ciências tal como se estava a fazer um pouco por todo o lado, nomeadamente em França. Considerava que este nível de ensino deveria ter um “carácter geral, desinteressado” que pudesse desenvolver de forma harmónica a totalidade do ser humano rumo à descoberta da Verdade, já que a instrução secundária deveria ter como finalidade “a cultura geral do espírito em harmonia com o desenvolvimento integral e adequado das faculdades”. O seu alvo é difundir os conhecimentos gerais e fundamentais indispensáveis a todas as carreiras da vida intelectual. Um bom ensino secundário deveria distinguir-se por um currículo que espelhasse a educação clássica e a educação cívica, sem esquecer a componente moral, estética e filosófica da educação.

O ENSINO SUPERIOR

M. A. Ferreira-Deusdado considerava que competia ao ensino superior “fazer circular a alta vida científica em todas as veias do corpo social, tendo como primeiro objectivo beneficiar a nação com as descobertas e as aplicações da ciência”. Desta forma, colocava-se em defesa do papel unificador de todo o conhecimento que este nível de ensino deveria prosseguir. Fazia coincidir os objectivos do ensino superior com aqueles que convinha alimentar, segundo a ideia clássica de Universidade que nos apresenta as suas faculdades ou escolas como um espaço teórico por excelência. Distinguia a Universidade das restantes escolas de formação superior, às quais competiria formar no domínio do saber fazer e, por isso, deveriam ser designadas de “escolas superiores de carácter geral onde convergem mais proveitosamente os labores das grandes experiências, das quais sai a luz da ciência”. Influenciado pela organização universitária mais recente que se plasmava na Universidade alemã, mostrou-se adepto da fusão da Faculdade de Ciências e da Faculdade de Letras, desejando que em Portugal, tal como tinha acontecido na Alemanha, a nova instituição a criar se designasse de Faculdade de Filosofia,

à qual competiria fazer com que todos os alunos que a frequentassem se tornassem sujeitos efectivos de um ensino e de uma aprendizagem cada vez mais perfeitos, uma vez que os alunos, para caminhar até ao nível de estudos teoricamente mais completos, precisavam de adquirir, por força do currículo, simultaneamente conhecimentos das ciências exactas e naturais e conhecimentos das ciências sociais e humanas.

OS PROFESSORES

Ferreira-Deusdado foi um defensor do magistocentrismo, entendendo que “o professor é a alma do ensino e a escola em acção, sem ele nada valem os melhores programas e não passam de letra morta os melhores planos de instrução”. Assim sendo, para além da vocação e da respectiva competência de cada um, achava que dificilmente poderia haver bons professores onde faltassem escolas normais que cuidassem da sua formação. As escolas normais porque ansiava deveriam ter duas valências: uma que permitisse aos candidatos a professor receber a educação literária e científica de que necessitavam para o exercício da profissão e outra que os ajudasse a desenvolver as aptidões dos alunos segundo os ensinamentos da pedagogia. Considerava que, para se ser bom professor, não bastava apenas saber aquilo que se ensinava. Esse conhecimento era essencial mas insuficiente, pois, juntamente com ele, era necessário saber ensinar da forma mais adequada na estrita promoção da iniciativa individual e no bom uso da liberdade dos alunos. O professor deveria ter sempre em mente que o aluno progressivamente ascende de uma fase instintiva a uma fase reflexiva, devendo, esta última, tornar-se um hábito na conduta de cada um pelo favorecimento, pela parte do professor, das inclinações boas e da recriminação das inclinações más. Numa época de elitismo educativo, o pedagogo transmuntano defendeu que se deveria recorrer ao ensino da língua mãe como forma de alargar a educação a populações cada vez mais vastas.

Considerando a escola como uma estrutura meramente educativa, achava que os professores deveriam educar da mesma forma que educava a família, isto é, doseando a exigência e o afecto,

sem nunca perderem de vista que era à família que, em primeiro lugar, competia educar e só depois deveria vir a escola. O professor, em seu entender, não deveria dialogar com o Estado, mas sim com os pais e os alunos, uma vez que estes eram a base e o sustento da escola, tal como a religião era o fundamento da moral. Mesmo sabendo que Portugal não poderia, de imediato, abrir em cada capital de distrito uma escola normal que se dedicasse à formação de professores para todos os níveis de ensino, apelava para que, quanto antes, se procedesse a uma formação adequada dos professores da instrução secundária e, para tanto, era essencial reorganizar o Curso Superior de Letras, convertendo-o numa verdadeira escola normal para formar professores de ensino secundário, ensinando com profundidade as línguas e as literaturas clássicas, as línguas e literaturas vivas, as ciências filosóficas, históricas, geográficas, etnográficas e pedagógicas. Deste modo ficávamos com uma escola normal, de que tanto carecíamos e, ao mesmo tempo, com uma Faculdade de *Filosofia e Letras*, que não possuíamos.

FILOSOFIA, RELIGIÃO E CIÊNCIA

Deusdado reuniu em *Ensaio de Filosofia Actual* (1888) alguns artigos anteriormente publicados na *Revista de Educação e Ensino*. O conteúdo deste livro serviu-lhe para criticar a reforma educativa de Luciano de Castro na qual viu, em plena continuidade com as anteriores, uma orientação positivista e spenceriana, contrapondo-lhe uma organização teórica assente no neokantismo, por lhe parecer que este sistema era capaz de conciliar a tradição clássica do conhecimento com o novo experimentalismo. Esta obra é uma espécie de manual para o ensino da filosofia, pese embora a sua cuidada redacção e apresentação a distingam de todas as publicações até então dadas a lume com o intuito de auxiliar o ensino e a aprendizagem desta ciência. Esta publicação foi elogiada por Moniz Barreto, Cunha Seixas e Antero de Quental, tendo, também, merecido rasgados elogios do psicólogo Bernard Perez na *Révue Philosophique*, dirigida por Th. Ribot. Defendia que a religião se aprende na família e não se ensina na escola. Não nasce do medo, mas sim do amor

e da partilha. O mal corrigia-se pela educação porque era ao homem que competia reger a sua existência acompanhando o progresso do espírito humano, caminho que deveria ter sempre em mente que o desenvolvimento intelectual se fazia a par do desenvolvimento religioso. A Metafísica, como Deusdado inseria nos *Ensaio sobre criminalidade e educação*, tinha por objecto o absoluto enquanto condição primeira da possibilidade de todo o conhecimento, mesmo do conhecimento científico. Era o apriorismo kantiano que fornecia ao intelectual transmontano as ferramentas necessárias que o levavam a combater o materialismo positivista. O sentimento religioso justificava-se pelo facto de todos os homens terem consciência dos seus limites e pensarem que as causas das coisas têm uma origem transcendente, uma causa não causada, capaz de dar, apesar de todas as contradições, sentido ao mundo e à totalidade da existência.

Deusdado postulava a filosofia como um saber universal, ao contrário da ciência, que, na medida em que trabalhava com factos e fenómenos, nos fornecia um conhecimento relativo, que só poderia aspirar à universalização com o auxílio da filosofia, enquanto veiculadora de um saber total e universal, que procurava no transcendente o primeiro fundamento para as suas intuições. Em *Esboço histórico da filosofia em Portugal no século XIX* (1897) rejeitava liminarmente o comtismo que punha de lado toda e qualquer explicação metafísica do real, ao mesmo tempo que elogiava as virtudes da escola kantiana e neo-crítica, que, em seu entender, apesar de todos os limites, não negava a metafísica, área da Filosofia de que Comte nem queria ouvir falar. *La philosophie thomiste en Portugal* (1898) foi publicado na *Révue Neo-Scholastique*, do Instituto Superior Filosófico da Universidade de Lovaina, traduzido e publicado em português apenas em finais dos anos setenta do século XX por Pinharanda Gomes, que o inseriu no seu livro *A filosofia tomista em Portugal*, antecedendo-o de um prefácio e bibliografia de e sobre Ferreira Deusdado. Neste ensaio tomou como base alguns escritos já publicados na *Revista de Educação e Ensino*, relevando o facto de o Colégio Jesuíta de Coimbra ter dado a conhecer ao mundo da ciência e

da cultura nomes como Pedro Hispano, Francisco Sanches e Uriel da Costa, que foi um dos grandes mestres de Espinosa, lamentando, porém, que o esforço intelectual destes e de outros intelectuais não fosse devidamente reconhecido no desenvolvimento das ideias filosóficas na Europa. Também foi para si motivo de regozijo o facto de Leão XIII, na Encíclica *Aeterni Patris* de 4 de Agosto de 1879, ter recomendado aos católicos a filosofia de S. Tomás de Aquino.

PORTUGAL E OS PORTUGUESES

Quanto a Portugal, M. A. Ferreira-Deusdado assumia-se como nacionalista e na *Carta aberta a D. Miguel* (1904) assinada com o pseudónimo Visconde de Alvaredos, dizia-se defensor da Monarquia absoluta e da Igreja, apresentando-se como fervoroso patriota que fazia assentar o seu amor à Nação na fé cristã. Crítico da monarquia constitucional, considerava que o liberalismo só atendia ao indivíduo e era inimigo da religião, da família e da Pátria. Em consequência, reprovava o reinado de D. Carlos por se ter assumido como herdeiro dos princípios da Revolução Francesa de 1789 que, em seu entender, eram nefastos para a monarquia portuguesa. Em contraposição, achava que o absolutismo monárquico que tinha marcado o reinado de D. Miguel, era o legítimo representante da tradição e, enquanto tal, o único capaz de conciliar o passado e o futuro da Nação portuguesa. O seu amor pelo povo português e seus costumes continuou a ser revelado nos *Quadros açóricos* (1907), obra que se enquadra no género histórico e descritivo e se inspira na história e na paisagem das ilhas açorianas. Estes escritos, que primeiramente apareceram no periódico de Angra do Heroísmo *A Semana*, foram assinados com o pseudónimo de Cavalleiro de Miranda e registam factos da fé açoriana de outrora e com eles, Deusdado, através da recriação dessas lendas, parece pretender contribuir para o aperfeiçoamento e aspiração intelectual de cada um, considerando que as lendas são um instrumento valioso para conhecer a psicologia de um Povo. A sua terra de Rio Frio, sita no distrito de Bragança, na região de Trás-os-Montes, e as suas gentes, constituíram-se como o húmus dos

interesses intelectuais de Ferreira-Deusdado, escrevendo abundantemente sobre a região onde nasceu, suas gentes e seus costumes, contribuindo com vários materiais para o estudo etnológico desta região, destacando-se o volume *Escorços transmontanos* (1912). Pese embora o cosmopolitismo do autor e o isolamento quase total em que Trás-os-Montes, à época, se encontrava, Deusdado não se eximiu de escrever: “À fisiologia do relevo transmontano corresponde um determinado tipo social, assaz distinto em toda a nacionalidade. Conserva o ar montanhêsco [...] nesse recanto habita uma raça vigorosa e austera como o perfil das suas paisagens, límpida e serena como a água dos seus ribeiros, altiva e intrépida como as penhas aprumadas das suas serranias; é ainda no carácter transmontano que, por gesto atávico, perdura nobremente a antiga alma portuguesa, leal, amorável e cren-te”. À medida que se percorrem os trechos que constituem esta obra, não resta qualquer dúvida que numa parte significativa dos mesmos, o seu autor revisitou a sua genealogia por uma espécie de linhagem fantástica que traçou dos seus antepassados, dando relevo aos feitos e aos defeitos do cavaleiro de Ferreira, de António José Joaquim de Miranda ou Manuel Gonçalves Deusdado, não se coibindo, ainda, de explicar como terá surgido o sobrenome Deusdado.

O interesse maior de Ferreira-Deusdado era a elevação da Nação portuguesa e da educação dos seus cidadãos. Como tal, enquanto erudito, quis fixar a linhagem daqueles que, de alguma maneira, tinham contribuído para o progresso do ensino e da educação em Portugal, tendo, para tanto, publicado *Educadores portugueses* (1909), obra composta por escritos sobre pedagogos portugueses dos séculos XVI ao XIX, disposta em nove capítulos que se incluem em três partes. Esta é uma obra de grande fôlego no campo da história da educação e do ensino que se fez em Portugal, contribuindo, de forma decisiva, para conferir alguma ordem ao estado calamitoso em que se encontrava a pesquisa feita em Portugal em torno da problemática educativa. Uma vez que Ferreira-Deusdado continuava a pensar um Portugal Imperial, considerando que o Brasil era a maior obra que os portugueses tinham deixado

ao mundo, dedicou *Educadores portugueses* à nação brasileira “Que tem de Portugal a ascendência comum e será dele a gloriosa continuadora [...]. Embora portugueses, reconhecemos em cada pedaço desse solo, um pedaço da nossa pátria”. Foi também com o intuito de contribuir para a história crítica da mentalidade portuguesa que fez sair *A crise do ideal na arte* (1917), onde analisou o pensamento de Ramalho Ortigão, Oliveira Martins, Eça de Queirós e outros que, seguindo um ideário revolucionário e reformador, veicularam um conjunto de valores que se opunha à moral e à religião, pilares sem os quais, para si, não seria possível a prosperidade de uma Nação. Esta é uma obra onde o intelectual transmontano, na esteira do neoplatonismo, nomeadamente da visão cristã que dele fez Santo Agostinho, fez a apologia do cristianismo, apresentou-o como processo de elevação dos Povos da barbárie ao ideal civilizacional que mais lhes convinha. Opondo-se a qualquer possibilidade de se estabelecer uma moral laica, Deusdado acabou por concluir que a arte tinha por finalidade representar o Ideal, mas apenas havia o belo moral, uma vez que o belo material, tal como ensinava a filosofia platónica, era apenas símbolo do belo moral. O intelectual transmontano entendia que “Só a Idade Média e o Renascimento são épocas inteiramente portuguesas, por serem intensamente cristãs”. Ao invés, a época em que se encontrava revelava-lhe um Portugal decadente, estado que se devia ao abastardamento das qualidades inerentes ao nosso Povo. O ideal cristão foi uma constante ao longo de toda a sua vida, pois nesta última obra por si assinada, continuava a assumir-se católico e monárquico e a repudiar a tradição liberal e republicana que entendia ser herdeira da perversão que a revolução francesa fez da divisa Liberdade – Igualdade – Fraternidade. Em seu entender, o cristianismo e o liberalismo não se poderiam conciliar fosse de que forma fosse, pois enquanto a “liberdade para o liberalismo consiste em escravizar o seu semelhante” para o cristianismo ela consiste “em servi-lo como irmão”.

Ferreira-Deusdado pretendeu, com o seu labor educativo e a intervenção social, tal como referia em *A crise do ideal na arte*, contribuir para

preparar as gerações mais novas, no sentido de enfrentarem o futuro com determinação e vontade acrescida. O liberalismo era para si o principal inimigo do povo português e, enquanto tal, a causa primeira da nossa decadência, tendo a revolução liberal descambado numa república em que a família, a pátria e a igreja católica, nas suas estruturas tradicionais e respectivas sinergias, eram constante e sistematicamente postas em causa e ridicularizadas nos seus propósitos ancestrais. Foi em nome da liberdade que condenou o poder exercido pelo Marquês de Pombal, considerando-o nefasto ao progresso de Portugal, uma vez que este déspota, em seu entender, se serviu do terror para impor ao nosso povo uma estrutura social materialista e laica, tendo esmagado a

tradicional ordem moral e religiosa com o recurso a actos tão abomináveis como as implacáveis perseguições àqueles que se lhe opunham, destacando-se, neste grupo, os jesuítas e os Távoras. Analisando o progresso de Portugal comparativamente à evolução das formas de governo que os outros países tinham sentido, olhando em seu redor, num tempo em que as monarquias estavam a ser substituídas pelas repúblicas que se iam instaurando um pouco por todo o lado, era com amargura que concluía: “Os povos latinos no caminhar da sua história foram perturbados pela utopia revolucionária. Com a monarquia constitucional saíram do leito da estrada para a berma, com a república caíram na valeta e já temem o despenhadeiro da anarquia”.

PESSOA NA POESIA DE MANOEL TAVARES RODRIGUES-LEAL

Luís de Barreiros Tavares

Isento, Pessoa passa

M.T.R.-LEAL¹

*Meu amigo Fernando Pessoa,
apesar do luar de brilhos, repousa em paz.
Companheiro ímpar, quantas intimidades
intemporais as tive. Como floresce
a foz daquele rio manso que se chama talento
e giza o génio, a voz que jamais esquece.*

M.T.R.-LEAL²

Manoel Tavares Rodrigues-Leal (1941-2016) escreveu dezenas de belíssimos poemas dedicados a Fernando Pessoa e aos seus heterónimos, a maior parte deles ainda inéditos. Alguns foram já publicados nas revistas *Nova Águia* e *Caliban*. É certo que

nas últimas fases da sua obra, e no fim da sua vida, se afastou do “supra-Camões”³. Todavia, não deixa de reconhecer “o peso de Fernando Pessoa sobre qualquer poeta português, ainda que eventualmente grande”⁴. E não terá Pessoa, por seu turno, pretendido libertar-se do peso do grande poeta e autor de *Os Lusíadas*, aludindo-se daquele modo?

Este breve ensaio reúne alguns tópicos sobre vários poemas inéditos de Rodrigues-Leal dedicados a Fernando Pessoa nas décadas de 70-80-90 do século passado. Poeta de linhagem e influência pessoanas, especialmente quando retratou em versos, inigualavelmente, o poeta de “Ode Marítima” e de “Tabacaria”. Escutemos, se assim se pode dizer, este poema inicial, pedra de toque deste estudo “(in memoriam de Fernando Pessoa)”:

¹ Primeiro verso de um poema (“Ausência de Fernando Pessoa” – 19-8-1975), do caderno *Limae Labor*.

² Belas – 19-9-76. Do caderno *Fragmentsos de um livro dividido* (Anónimo do séc. XX). Um dos cadernos escritos na Casa de saúde de Belas: “Belas, casa de saúde mental; manicómio para gente fina; uma duquesa iria para ali” (M.T.R.-Leal).

³ Cf. Fernando Pessoa, *Textos de Intervenção Social e Cultural – a ficção dos heterónimos*, p. 35. No início do caderno *Limae Labor* (1973-75) encontra-se a seguinte inscrição: “Em memória de Fernando Pessoa (Supra-Camões)”.

⁴ Numa breve entrevista registada em vídeo (2014).